

GRITO NO NORDESTE

EDITORIAL

A VI Assembléia Geral da Federação Internacional dos Movimentos de Adultos Rurais Católicos (FIMARC) foi um importante acontecimento para o mundo rural. Delegados representando 22 países da Europa, Ásia, África e América Latina, num total de 60 participantes, estiveram reunidos de 20 de julho a 5 de agosto, no Seminário de Olinda.

De modo especial analisou-se a realidade rural brasileira. Para isso, os participantes visitaram comunidades do campo nos Estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Segundo declarações de Roger Lelièvre, presidente da FIMARC, "existem muitas diferenças nos problemas enfrentados pelos camponeses de cada continente, porém um dos pontos comuns é a falta de terra. E isso só pode ser solucionado com a Reforma Agrária".

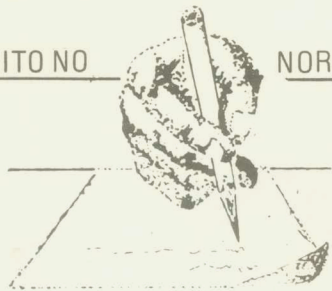
O presente número do Grito no Nordeste volta-se de modo especial para esse acontecimento. Não é sempre que podemos encontrar tantos amigos de diferentes países, reunidos com a preocupação de discutir os problemas dos camponeses e buscar uma solidariedade entre as lutas pela libertação desenvolvidas nos diversos continentes.

Como ainda não foram publicadas as conclusões da Assembléia, aproveitamos para conversar com os grupos por continente, falando sobre as situações em que vivem e suas impressões sobre a realidade brasileira e a Assembléia.

O Mons. Bressan, Secretário Geral da Nunciatura, participou da Assembléia, sendo portador de uma mensagem dirigida pelo Cardeal Agostino Casaroli, a pedido do Papa João Paulo II, saudando os participantes da Assembléia.

ASSEMBLÉIA MUNDIAL





Os Amigos Escrevem

ALAGOAS

Realizamos nos dias 1 e 2 de maio uma parada à nível diocesano, com 17 participantes de Craibas, Arapiraca, Junqueiro e São Miguel. Iniciamos com cânticos e uma leitura do Evangelho (Mateus 7, 1-6).

Havendo a presença de novos companheiros, procuramos colher opiniões com respeito ao movimento. Assim surgiram as seguintes opiniões: a A.C.R. é um movimento autêntico por ser ligado aos demais movimentos. Feito por pessoas simples, e é o que mais atrai trabalhadores, levando os mesmos a uma evangelização concreta.

Nesta parada vimos também os principais encontros que temos a realizar e as visitas que devemos fazer, sem esquecer as despesas. Tomamos o Jornal Crito no Nordeste e vimos que para as pessoas que já tem um certo conhecimento está bom. Mas para o homem que não tem uma vida de movimento está muito difícil e achamos que o mesmo deve ser simplificado para poder melhor ajudar e conscientizar o homem do campo (Junqueiro).

AMAZONAS

As comunidades da Prezália do Alto Solimões tiveram a alegria de receber a visita de Dom Alcimar Magalhães, bispo de Carolina/MA, que havia sido vigário em São Paulo de Olivença. Dom Alcimar visitou todas as paróquias e, durante estas visitas contou às comunidades as dificuldades que está enfrentando junto ao povo de sua diocese no que diz respeito a grilagem de terras e os problemas dos bóias-frias na região da Belém-Brasília e sobretudo a problemática do Carajás.

Por outro lado, aqui nas margens do Rio Solimões os camponeses ribeirinhos perderam suas roças e bananeiras, devido ao nível do rio que subiu demais e demorou a baixar. Por causa disso, faltará farinha e banana, enquanto os preços subirão. (São Paulo de Olivença).

BAHIA

Prezados companheiros de luta do Grito no Nordeste, jornal que tanto tem despertado o trabalhador brasileiro. É pena que este jornal não tenha chegado ao conhecimento de todos os lugares onde é necessário. Estamos firmes na luta, baseados na missão específica da A.C.R. com seu método de trabalho partindo sempre da realidade que marca a vida do meio rural hoje: realidade econômica, social e política, cultural e religiosa. É baseado nisto tudo que queremos dizer aos nossos companheiros que já legalizamos o PT, Partido dos Trabalhadores, em nosso município. Na convenção do dia 28 de março precisávamos de apenas 12 votos para a legalização do partido e tivemos 40 votos. É uma prova que o trabalhador brasileiro pretende fazer uma mudança.

Com essa luta estamos enfrentando grandes dificuldades, como repressões do Prefeito do município, ameaças de cabos políticos e até mesmo de pessoas pobres que ainda não descobriram a realidade, não estão com o pé a caminho de uma libertação.

No dia 4 de março na Fazenda Vazia da Capoeira, povoado de Riacho da Onça, o ladrão de terra de nome José Rocha dos Santos (Zé Branco) com seus capangas e pistoleiros cortaram 22 bolas de arame no roçado do lavrador José Ricardo dos Santos, pai de onze filhos. A equipe da A.C.R. esteve no local do crime vendo e ouvindo as testemunhas e ajudando a encaminhar a causa para a Justiça. Há pouco tempo estivemos lá junto com as vítimas que disseram estarem atacadas por três pistoleiros, que fazem sentinela na área disparando tiros dia e noite. Baseado na lei, não é crime praticar um ato em legítima defesa. Refletimos junto aos companheiros, que decidiram formar um grupo de 20 lavradores armados para expulsarem os três pistoleiros que permanecem na área dos lavradores. Não tivemos mais notí-

cias e nem resultado, pois fica a 92 km daqui. (Espanta Gado).

MARANHÃO

Em nosso município fomos vítimas em 81, da perda de oitenta por cento da produção agrícola e com isto, os lavradores tiveram um grande prejuízo, muitas vezes pressionados pelos patrões a pagarem a renda sem ter com que.

O sindicato através de sua diretoria tomou iniciativas contra estes tipos de opressões e outras. Com muita luta tivemos algumas vitórias. Neste ano de 82 estamos com a mesma coragem de lutar em conjunto, mas grande parte dos proprietários estão recusando a entregar o recibo de quitação ao lavrador que paga a sua renda. Além de ser negado o recibo, a renda está exagerada e este sindicato faz um apelo a todos os leitores deste jornal que ajude-nos a refletir com os lavradores para nunca ele pagar renda sem receber o recibo de quitação e quanto ao exagero no valor do pagamento. (São Benedito do Rio Preto).

PERNAMBUCO:

Nos dias 9 a 11 de julho, realizou-se no Seminário São José, em Pesqueira/PE, o I Encontro de Jovens Rurais animados pela A.C.R. da diocese.

Participaram jovens dos municípios de Sertânia, Buíque, Belo Jardim, Pesqueira, Arcoverde, Alagoinha e alguns agentes de pastoral num total de 41 pessoas.

O encontro teve como objetivo estudar a situação do jovem do campo e a realidade em que vive, através do método ver, julgar e agir.

Ao final, os jovens se comprometeram de continuar um trabalho de organização entre eles e pediram a ajuda da Equipe Diocesana da A.C.R. e da Pastoral de Juventude local. (Pesqueira).

PARAÍBA

É com muito prazer que estou enviando minhas notícias. Aqui tudo bem graças a Deus. Estava faltando a chu-

va, mas já chegou. Estou fazendo um trabalho de base e o povo está bastante animado. Estive visitando algumas regiões do Brejo e Curimataú, muito sofrida pela seca. Em Cuité visitei um trabalho de base que fazem através de mutirão, num grupo de 18 pessoas. O mesmo acontece em Barra de Santa Rosa.

Estive em Arara e participei de uma reunião para a escolha dos candidatos pelo PT. No dia 1º de maio em Solânea, no Brejo, houve uma "concentração de trabalhadores", que atingiu 7.000 trabalhadores rurais de 28 sindicatos, que foi também transmitida pelo rádio. Os camponeses enviaram ao Presidente Figueiredo um documento reivindicando salário justo para os trabalhadores. (Gurjão).

SERGIPE

Aqui em Estância, no último dia 17 de maio, realizou-se uma reunião para a implantação do movimento da ACR, que contou com a presença de 20 trabalhadores rurais, duas assistentes sociais e um técnico agrícola, um representante do Sindicato e da A.C.R. e o Padre João Batista. Todos voltados para um trabalho de base e conscientização, num local onde reina uma política pessoal e o povo sente a necessidade da palavra de Deus. Já falei com Dom Coutinho e ele apoia a idéia da realização de um Seminário aqui em Estância com a equipe da A.C.R., para que nosso povo conheça nossos trabalhos.

EXPEDIENTE "GRITO NO NORDESTE"

Realizado pela Equipe Central da A.C.R.
(Animação dos Cristãos no Meio Rural)

COLABORADORES:
Gerson, Arnaldo, Marcílio,
Maximínio, Rufino,
e Pe. José Servat

Endereço da A.C.R.:
Rua do Giriquiti, 48
CEP 50.000 - Recife/PE
FONE: 231-3177

F.I.M.A.R.C.

HOMILIA DA MISSA DE
ABERTURA

É com muita alegria, mas também com muita humildade que a Equipe Central da A.C.R. do Brasil os recebe, amigos vindos de diversos continentes e reunidos em Olinda na VI Assembléia Geral da F.I.M.A.R.C.. Já em 1972, o Movimento Internacional, querendo atingir o Terceiro Mundo pensou em realizar a Assembléia de 1974 no Recife, mas as condições políticas da época não o permitiram.

O turista que chega nesse imenso Brasil tem a impressão de encontrar um país em plena expansão. Portos, estradas, aeroportos, meios de comunicação, indústrias, centros comerciais, empresas agrícolas, universidades, lazeres e esportes são semelhantes às realizações das grandes nações industrializadas e dão a ilusão

de um grande desenvolvimento econômico e social. O Brasil pouco a pouco se torna uma das grandes nações do mundo.

Mas o observador preocupado com as realidades humanas percebe que toda essa evolução se faz às custas dos sofrimentos e da destruição das massas populares, rurais e urbanas, sacrificadas no altar da Produção Econômica. Já ouviram falar em povos índios destruídos, em camponeses jogados fora de terras onde produziam condições de vida e que encontram como único recurso ocupar outras terras perto das grandes cidades. É lá que esses desarraigados vão construir as tristes favelas das periferias urbanas. As massas populares estão assim sempre mais afastadas dos meios de produção e dos cen-

tros onde se decide o seu destino. Terra, indústria, conhecimentos, renda, poder, tudo está se concentrando nas mãos de alguns grupos privilegiados. O Brasil continua a tradição colonial que nunca se afastou de sua história. É aqui, que as multinacionais encontram a sua terra prometida.

A nossa esperança é que cada vez mais, homens e mulheres — em grande parte cristãos — tomam consciência das situações e das exigências de uma verdadeira libertação humana. Nas comunidades de base, nos grupos de Evangelização, nos movimentos como a A.C.R., o fermento evangélico abriu os olhos e os corações sobre as situações de injustiça, de miséria e de falta de solidariedade. O que é mais significativo, é o fato de

que cada vez mais padres, religiosos e religiosas; bispos descobrem a sua verdadeira missão ao serviço do povo. Eles se tornam solidários com os mais fracos, comprometem a sua vida, os seus privilégios ao serviço dos mais pobres.

A reflexão sobre tudo isso, o fato de por em comum nossas experiências, o desejo profundo da verdadeira presença de uma Igreja popular na civilização que está se construindo, vai fecundar a nossa Assembléia. O fermento, pouco pouco, volta a ficar presente na massa. Possa essa Celebração confirmar a nossa Fé na força do Espírito Santo presente onde existem sinais anunciadores de uma humanidade nova em um mundo renovado.

O Mundo Operário

ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DO MMT (MOVIMENTO MUNDIAL DOS TRABALHADORES CRISTÃOS), RUBEM COLLAO

Qual a situação dos operários no Chile? — Meu país possui 11 milhões de habitantes, sendo que mais ou menos 68% vivem nas cidades (área urbana). Da população total, 3 milhões são operários. A maioria trabalha na extração de minérios e existe ainda a indústria manufatureira: metal-mecânica, material elétrico, calçados, têxtil, química, farmacêutica, petroquímica e construção civil.

Neste momento, em Santiago, capital do Chile, as estatísticas oficiais assinalam 20% de desemprego. Porém, na realidade essa porcentagem é muito maior, se considerarmos o grande número de jovens desempregados e de subempregados. Por causa da recessão econômica muitas indústrias só trabalham de três a quatro dias por semana, o que gerou mais desemprego.

Em Copiapó, uma cidade ao Norte do Chile, o Sindicato da Construção Civil possui 1.700 trabalhadores e somente 67 estão empregados.

No Chile, nós atuamos através do MOAC (Movimento Operário de Ação Católica),

sendo que seus militantes são comprometidos nas organizações populares: sindicatos, organizações de ensino, clube de mães, etc. Os militantes, através de reflexões, fazem a ligação desse compromisso com a fé. Os militantes do MOAC são mineiros (de cobre, carvão, ferro), da construção civil, empregados dos hospitais, professores de nível primário e secundário e muitos desempregados.

Qual a sua visão atual sobre o mundo operário? — O que se vê a nível geral é a existência de uma grande concentração econômica. Atualmente, 300 empresas multinacionais controlam todo o sistema capitalista, o que condiciona não só o mundo econômico, mas o político e o social. Se vive uma crise muito forte do sistema capitalista e uma das causas é a superprodução por parte de algumas empresas.

Como o povo vive essa situação? — A partir das multinacionais, se estabeleceram em algumas partes do mundo o que se chama de zonas francas: Ásia, América Latina e

África. Nestas zonas francas os governos oferecem todas as facilidades às empresas: liberação de impostos, financiamentos e meios para importação e exportação da produção. Nestas zonas francas os trabalhadores não têm direito de se organizarem em sindicatos e em muitas destas regiões os trabalhadores só ganham trinta dólares por mês (aproximadamente cinco mil e quatrocentos cruzeiros): Siri Lanka, Filipinas, Hong Kong, Taiwan e algumas partes da África.

Outro fato, é que muitas empresas multinacionais estão saindo da Europa e se instalando nesses países, onde exploram mais os trabalhadores. Por exemplo, nos últimos anos, 40% da indústria de relógios suíça se instalou ao Sul da Ásia. A Volkswagen fechou uma fábrica na Alemanha, onde trabalhavam muitos operários portugueses, e abriu uma indústria em Portugal, onde os trabalhadores ganham um terço do que ganhavam na Europa.

O Movimento Mundial, MMT, está presente, mais ou

menos, em 45 países dos diversos continentes. Há cada quatro anos realiza uma Assembléia, que elabora um plano de ação de quatro anos. Cada movimento, de acordo com sua linha e a realidade em que atua, assume esse plano à nível nacional.

O que achou da Assembléia da FIMARC? — É a primeira vez que tenho um contato com os movimentos de trabalhadores rurais e creio que foi muito rico o intercâmbio de experiências. A maneira como foram apresentados os problemas é muito boa. Não se partiu de grandes teorias, mas da vida, da própria realidade rural. Isso permite que surja um trabalho à nível nacional de maior relação entre os movimentos, de apoio, solidariedade e no futuro podem surgir ações conjuntas. O fato de se realizar no Nordeste do Brasil é muito significativo, pois o contato com a realidade concreta dos brasileiros nos torna mais conscientes dos problemas enfrentados pelos trabalhadores rurais que aqui vivem.

RURAIS D

EUROPA

Aproveitando a oportunidade que nos ofereceu a Assembléia da FIMARC, onde estiveram reunidos cristãos comprometidos com o meio rural das diversas partes do mundo, realizamos pequenas entrevistas por continente.

Pelo continente europeu, Josefa Martinez, delegada da Espanha falou-nos sobre o meio rural de seu país: "Cerca de 23% da população ativa da Espanha vive no campo, recebendo muito menos benefícios sociais do que os que vivem na cidade. Por exemplo, não existe o salário-desemprego, o que existe para os operários das indústrias quando são demitidos. Constatamos a presença de muitos latifúndios mal explorados. Os preços dos produtos muitas vezes não cobrem os custos da produção. Em Andalucia, zona de latifúndios, vivem mais de 800 mil assalariados agrícolas. Em relação ao mundo urbano, o meio rural vive uma situação muito difícil, não só a nível econômico, mas os serviços de comunicação, saúde, escola funcionam em péssimas condições. Outro grande problema é o desemprego. Muitas vezes, foi solucionado com as migrações. Hoje não existem mais condições para essa saída, pois os outros países enfrentam o mesmo problema. Além disso, as migrações trouxeram graves conseqüências ao meio rural, como por exemplo, o envelhecimento da população".

Sobre a visita a Pesqueira e sobre a realidade brasileira disse: "A impressão que eu tenho é de um país de contrastes muito fortes. A miséria das condições de vida dos camponeses e nas periferias das cidades e a imagem do desenvolvimento dos grandes centros urbanos se chocam muito fortemente. Há uma falta de utilização dos recursos, terras improdutivas. É o abandono descarado por parte do governo, uma falta de atenção total à zona rural. Porém não encontrei resignação, senti a esperança que se faz presente no povo na possibilidade de transformação. Outra coisa que gostaria de frisar é que as mulheres brasileiras estão em piores condições. Nos grupos com os quais mantive contato durante a visita, as mulheres não falavam. Não consideravam como um direito a manifestação através da fala".

O francês Paul Michoneaux disse que na França a principal dificuldade é de ordem econômica. "Os agricultores não têm terra suficiente. Temos dificuldades de adquirir materiais agrícolas, dependemos dos empréstimos bancários. Exigem uma super-produção agrícola e isso requer troca de maquinárias, capacidade técnica e profissional. Por essa exigência de mecanização, muitos agricultores estão impossibilitados de produzir. Outra dificuldade é a de organizar o mercado, pois os preços dos produtos variam muito".

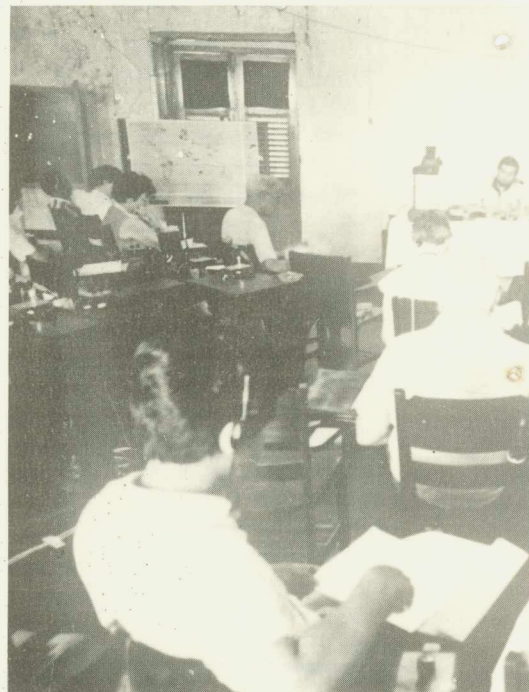
Porém, os que vivem maiores dificuldades na França são os trabalhadores agrícolas. Sobre eles, afirma Mijo, outra delegada francesa, "são mal pagos e menos qualificados, submetem-se a qualquer tipo de trabalho. As máquinas agrícolas substituem muitos trabalhadores. Por exemplo, uma máquina faz o trabalho de trinta pessoas.

São obrigados a trabalhar muito mais horas como assalariados, dependem dos salários e são controlados pelos patrões, pois moram nas propriedades dos latifundiários que lhes dão emprego. Geralmente estão muito separados pelas distâncias e somente três ou quatro, no máximo, trabalham numa mesma propriedade, o que dificulta a organização. Além disso, existem os trabalhadores temporários, como os bóias-frias brasileiros, que são contratados por um determinado tempo".

ÁFRICA

Na conversa com os amigos do continente africano, o Pe. Georges Huguet disse que em sua região, no Tchad, "o principal problema é o desequilíbrio na produção, causado pela introdução da cultura do algodão e do amendoim, que são culturas industriais obrigatórias. Esse fato provocou um desequilíbrio na rotação do cultivo, não permitindo o descanso a terra. Antes era uma economia de subsistência, com conservação das safras, tudo isso se perdeu com a introdução da economia industrial, sem contar que, os incentivos e a assistência técnica são concentrados nessa agricultura".

"Em Rwanda, a agricultura sofre as mesmas transformações" — confirma Michel Muyangabe, delegado africano. "E há mais



dois problemas, o primeiro a falta de terra. Não há mais terra. A população rural é enorme (500 habitantes por km² nas regiões boas para o cultivo). A população de Rwanda é de 5 milhões e 200 mil habitantes, o que corresponde a 300 habitantes por km². Rwanda é terra de montanhas. Aí está o segundo problema: a erosão provocada por ventos e águas".

Daniel e Israel são de Madagascar, onde — afirma o segundo — "o maior problema é a falta de meios para o cultivo. O povo vive na pobreza. Madagascar possui 15 habitantes por km², é o inverso de Rwanda, mas falta braços para trabalhar a terra, equipamentos e técnicas. Seus 10 milhões de habitantes vivem da cultura do arroz, mandioca, batata inglesa, batata-doce e milho. Dessa população, 80% são agricultores".

"Depois de 1975 fizemos uma opção socialista" — disse Daniel. "Começa-se a descentralização do poder político e econômico. Antes existia uma autoridade que decidia tudo, agora as comunidades são quem decidem. Nós dois somos presidentes de comunidades, uma de 5.100 hab. e a outra de 5.500 hab. da zona rural. Todos os meses podemos reunir a comunidade em assembléia e o que ela decidir, seu presidente encaminhava ao governo para se ver as possibilidades de ser executado".

As impressões do grupo africano quanto a realidade brasileira foram bastante críticas. "Na viagem de Recife a Junqueiro — disse o Pe. Huguet — foram três as minhas impressões. Só vi cana e em Arapiraca o fumo. Segunda coisa, a conseqüência disso, a proletarianização dos trabalhadores do campo levando-os a condições de miséria. E minha terceira impressão, foi que entre as pessoas que encontrei vi muita dignidade e um alto grau de conscientização, dentre eles os militantes da



Roger Lelièvre, presidente da FIMARC

O MUNDO



A.C.R.. Em particular, impressionou-me algumas mulheres”.

Muyangabe, que visitou a região de Pura-
z/RN, afirmou: “Têm grandes que se apro-
priam de tudo. Os pequenos não têm nada.
Ainda por cima, os poderosos atacam esses
que não têm nada. Me interroguei, como essa
gente pode continuar vivendo, dormindo
perto de tanta riqueza. O trabalho da A.C.R.
gera esperança de um dia conquistar a terra
para viver nela. Essa esperança faz com que o
povo não se suicide”.

AMÉRICA LATINA

Falamos também com os companheiros,
da América Latina. “Os camponeses de meu
país têm pouca terra e não possuem dinheiro
para comprar mais — disse Favit, um campo-

nês argentino — e nossos maiores problemas
são de ordem econômica. A produção, quan-
do muito, cobre os gastos que temos, depen-
dendo das condições climáticas. O governo
permite o livre comércio, mas favorece o ca-
pital transnacional — das multinacionais e
grandes industriais da Argentina”.

Perguntamos a Tereza Martinez, do Méxi-
co, o que ela achou da realidade rural brasi-
leira. “Minha impressão é que se vive uma si-
tuação de miséria e exploração, semelhante a
que vivemos no México. Salários baixos,
camponeses sem terra, vivendo em condições
sub-humanas. Há uma despreocupação ofi-
cial, do governo, em relação a situação cam-
posena. Observei que há muita terra impro-
dutiva, acredito porque estejam em poucas
mãos. E também, que há pouca participação
da mulher na busca de soluções para os pro-
blemas no meio rural”. Interrogada quanto
essa participação da mulher em seu país,
declarou: “A mulher mexicana está apoiando
muito fortemente a luta pela terra. Dian-
te da repressão e da prisão de seus maridos,
as mulheres, em muitos casos, resistem ocu-
pando a terra junto com seus filhos. Se orga-
nizam através de formas coletivas de traba-
lho, para a subsistência da comunidade”.

ga completa de pessoas que compartilharam
seus problemas. Elas nos serviram de exem-
plo para uma prática cristã. Sentimos que há
possibilidade de estabelecer laços de solida-
riedade entre o campones brasileiro e os pe-
ruanos.

ÁSIA

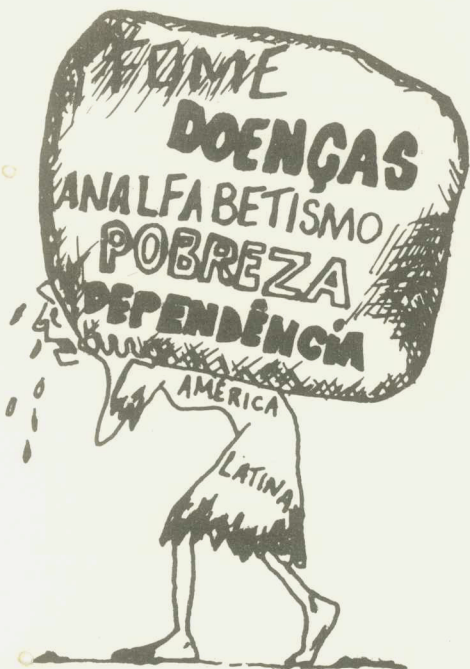
Pelo continente asiático, entrevistamos
Paul Perera, um camponês da Sri Lanka.
“Em seu conjunto pode-se dizer que a Ásia
é uma região agrícola. Basta dizer que 80%
da população vive em povoados e se ocupam
da agricultura. Dessa gente, 50% vivem em
condições abaixo do limite de pobreza.
Quando analisamos a pobreza rural temos
que falar da estrutura agrária existente: 10%
da população ocupa 60% da terra e outros
30% da população possui 40% da terra. Os
restantes, 60% da população asiática, não
possuem terra, arrendam a terra de outros
ou dividem a produção com os proprietários
como forma de pagamento. O desenvolvi-
mento do capitalismo e a modernização da
agricultura tem rechaçado os pequenos cam-
poneses do setor agrícola. Sendo assim, au-



O Mons. Alberto Koenigsnecht, bispo
da Prelazia de Juli, no Peru, visitou Pesquei-
ra e disse que gostou muito da recepção dos
membros da comunidade e a amizade encon-
trada durante a visita. “Aprendi muito com
nossos irmãos de Pesqueira. Falaram-nos de
seus problemas, dos êxitos e derrotas, do es-
forço de unirem-se para buscar a justiça. Ve-
jo algo semelhante com o mundo andino do
Perú. O que nos chamou a atenção é a entre-

menta a diferença entre os ricos e os pobres
no meio rural”.

Sobre a Assembléia da FIMARC decla-
rou: “Estou muito satisfeito pelo modo co-
mo foi planejada. Como grupo asiático, es-
tamos muito contente pelo progresso da
Assembléia. Esperamos que esse progresso
continue, então, poderemos dizer que ver-
dadeiramente teremos uma parte nas lutas
das massas rurais”.



EVANGELHO NO CAMPO

ENCONTRO DE ARARA

Realizou-se no dia 18 de julho, no Sítio Jaboticaba, em Arara/PB, um encontro da ACR, com a participação de 80 camponeses das dioceses de Campina Grande, Guarabira e João Pessoa.

O tema do encontro foi a seca, fazendo-se uma ligação desse problema com a política. Embora falte chuva em diversos lugares, foi visto que existe a seca verde onde a chuva chegou. Teve agricultor que plantou quatro cuias de feijão e não colheu nem meia cuia. "O pouco que colhemos — afirmou uma participante — não presta nem para plantar".

Com a seca que arrasa a região, muita gente está se desertando por falta de condições de vida. Enquanto isso, os grandes proprietários se aproveitam dos pequenos que não têm o que comer. Os políticos também tiram proveito, beneficiando o PDS. Outro fato apontado, é que os grandes foram perdoados pelos Bancos, mas os pequenos não. Os participantes decidiram continuar, com mais força, o trabalho de conscientização dos outros trabalhadores, buscando formas de ação conjunta dentro das situações vividas.

SERMINÁRIO DE FORTALEZA

Nos dias 1, 2, 3 e 4 de junho, em Caucaia, Ceará, realizou-se o Seminário sobre o Homem e a Seca no Nordeste, um passo importante impulsionado pela igreja nordestina decidindo se empenhar, com as vítimas da seca, na caminhada libertadora para modificar as condições de vida da região.

Uma das conclusões do Seminário é que "a solução do problema não está em acabar com a seca. Mas numa justa e bem feita Reforma Agrária, que deixe a terra em mãos de quem nela trabalha. E na mudança do modelo econômico capitalista, que visa acima de tudo produzir para exportar.

A "opção preferencial pelos pobres" deve levar a Igreja a um compromisso solidário com o sofrimento do povo, diante dos problemas sociais. Isso se fará, na prática, colocando-se a serviço da união e organização do povo, para sua libertação.

O Seminário foi encerrado com uma solene Concelebração Eucarística de muitos bispos e padres, presidida pelo Cardeal Aloisio Lorscheider, Arcebispo de Fortaleza, com a presença de todos os participantes.

PARADA EQUIPE CENTRAL

Reunida de 7 a 9 de junho, no Seminário de Olinda, a Equipe Central da A.C.R. fez uma revisão de vida, em função da missão recebida e de tornar-se mais eficaz. Foi discutido o problema das famílias dos militantes, onde surgem conflitos por causa do trabalho no movimento. Estes conflitos ajudam a nos afirmar na fé. Foi colocado o exemplo de Simeão que veio para a libertação, mas para a ruína de muitos. Vimos que o conflito começa a partir da pessoa que tem uma opção. Tivemos informes das visitas ao Sul e outros lugares do país, indo até o Amazonas.

ENCONTRO DE SERRA VERDE/RN

Os militantes da A.C.R. da região de Touros e Puraça, reuni-

ram-se nos dias 5 e 6 de julho, em Serra Verde. O encontro começou com a leitura da Bíblia, sobre o Bom Pastor que defende as ovelhas (Jo 10, 11-12). Para a discussão foram levantados dois pontos: terra e sindicato. Formulamos as seguintes perguntas: Como estão sendo enfrentados os problemas de terra? Como o povo está organizado? Qual a participação dos sindicatos? Quais as dificuldades?

Apareceu nos grupos que a organização do povo é para resistir na terra. Não plantar só o que o governo quer. O povo despertou para legalização das posses. Surge o sindicato atuando forçado pelas bases. Foram apontadas como dificuldades: falta de condições para transporte e de conhecimento de como exigir os direitos.

No aprofundamento vimos como procedeu a estrutura fundiária e o envolvimento do capitalismo no campo.

ENCONTRO DE ALAGOINHAS/BA

Realizou-se nos dias 5 e 6 de junho, na diocese de Alagoinhas, o Encontro dos Lavradores, reunindo representantes das comunidades de Inhambupe, Alagoinhas, Aramari, Catu, Mata de São João, Nova Soure, Lustosa, Feira de Santana e Cícero Dantas. Estavam presentes também alguns estagiários do ISPAC.

O tema do encontro foi "Educação Política". Os participantes, em pequenos grupos, debateram sobre os tipos de votos mais conhecidos. Escolheram os votos nulos, branco, encabrestado, comprado e o consciente para uma dramatização. Houve um aprofundamento sobre a representação

política, quer dizer, como está estruturado o poder político brasileiro e sobre os partidos.

Refletindo sobre o trecho da Bíblia, Ex. 18, 13-27, os lavradores descobriram quem são os faraós de hoje: o presidente e seus ministros, os latifundiários, os donos das fábricas, as multinacionais, deputados e governadores.

Diante das situações de grilagem, inflação e desemprego, os lavradores esperam que olhem para eles. Continuam lutando por terra para trabalhar, valor do produto, salário, crédito, assistência médica, impostos baixos, saneamento e educação.

ENCONTRO DE BACABAL/MA

Nos dias 17 a 20 de julho, em Bacabal/MA, realizou-se o Encontro Regional da A.C.R., reunindo militantes do Maranhão, Piauí e Pará.

Os 40 trabalhadores rurais, que participaram desse encontro no Centro de Treinamento Diocesano, são animadores de comunidades comprometidos com as lutas no campo por mais justiça, sobretudo, pela defesa da terra. Partindo dos problemas do meio rural na região, com painéis, trabalhos em grupos e assembleias, procuraram descobrir qual é, nesse ano eleitoral, a realidade política de cada lugar e dos Estados. Qual a política que se faz no seu lugar? Qual a organização dos trabalhadores e as dificuldades encontradas?

Os participantes viram a necessidade para a política, de colocar-se ao serviço do bem geral das comunidades e da sociedade. Falou-se na necessidade de homens do povo, com o povo e

para o povo: o que denominaram Política Popular. Querem afastar assim o tradicional populismo brasileiro, pelo qual pessoas da classe dominante se aproveitaram dos problemas do povo para a valorização pessoal própria, impedindo sempre uma representação popular.

Com o Pe. Ladislau e o assistente da A.C.R. foi aprofundado o valor da verdadeira política, serviço dos homens de hoje, a necessidade de toda pessoa consciente assumir a sua responsabilidade em função do bem comum, que deve ser uma conquista do povo. Vimos a história dos partidos de Getúlio Vargas à reformulação partidária dos últimos anos. Por fim, procuramos maneiras concretas e populares de participação em tudo o que se faz em vista do bem comum da nação e para começar, em benefício da libertação e da participação das classes populares.

APROFUNDAMENTO NA FÉ

Com a participação de 60 camponeses da A.C.R., de todo o Nordeste, realizamos de 10 a 13 de junho o Encontro de Aprofundamento na Fé.

Qual a nossa esperança? Como a nossa vida, nossa ação e nossa palavra são testemunhas dessa esperança? Essas foram as interrogações que guiaram nossa reflexão e oração.

Partindo das esperanças, das preocupações atuais, onde somos enviados para dar uma resposta aos apelos existentes. A raiz dessa esperança é a Ressurreição de Cristo. Ele fez uma nova criação, encaminhou o aparecimento de uma humanidade nova num mundo novo.

REALIDADE RURAL

LUTA CONTRA A FOME

Multiplicam-se os saques aos mercados, as lojas e feiras livres dos municípios sertanejos dos Estados nordestinos atingidos pela seca. A situação dos camponeses se agravou ainda mais depois que foi cortado o Plano de Emergência pelo governo.

O mercado público de Serra Talhada só não foi saqueado por 500 camponeses, no dia 6 de julho, porque o prefeito Hildo Pereira de Menezes deu ordem para que a polícia prendesse os manifestantes.

Porém, no dia 12 de julho, 1.000 trabalhadores invadiram a feira, famintos em busca de alimentos, e foram levados para o estádio de futebol onde foi feita uma distribuição de alimentos, pagos com o trabalho na construção de estradas, barreiros, etc.

Em Mirandiba, no dia 13 de julho, 50 trabalhadores tentaram saquear a feira e foram dispersados a tiros pela polícia.

No dia 30 de junho, no Distrito do Carmo, em São José do Belmonte, 100 camponeses saquearam o comércio. Uma semana depois, a cidade de Belmonte foi invadida por 600 camponeses, dirigiram-se a Prefeitura, que se encontrava fechada por ordem do prefeito, residente em Serra Talhada.

No dia 19 de julho, 1.500 trabalhadores invadiram novamente o Distrito do Carmo, onde quebraram portas de armazéns, retirando alimentos.

Depois foi a vez do município de Conceição, na Paraíba, que foi invadido por uma multidão faminta de 2.000 camponeses que saquearam toda a feira.

PROVIDÊNCIAS DO GOVERNO

A situação de fome do trabalhador rural do sertão agravou-se profundamente nesse ano e diante dessa situação, o governo tomou a seguinte providência: **suspender o custeio agrícola porque não choveu e cortar o Plano de Emergência porque choveu.**

Os trabalhadores desesperados, sem trabalho e sem pão, começaram a invadir as cidades e saquear as feiras. Então, veio a segunda providência do governo: colocar a polícia para atemorizar os trabalhadores e à caça de "agitadores" e "subversivos" que estariam por trás das manifestações sertanejas.

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serra Talhada, Manoel José dos Santos: "Se há subversão, esta é a da barriga vazia e do desemprego. A palavra "comunista" nos fere e nos agride violentamente, porque ninguém aqui conhece sequer esta palavra e jamais estivemos a serviço de agitadores".

MOVIMENTO NACIONAL

Mais um passo importante na história do movimento da A.C.R. será dado neste mês, quando realizaremos, em São Paulo, o II Encontro Nacional, de 19 a 22 de agosto.

Outro grande momento, para o qual estamos nos preparando, é a reunião dos jovens do meio rural que vivem no Nordeste, de 2 a 5 de setembro, no Seminário de Olinda.

E atenção companheiros! Outubro vem aí e chega o tempo de nossa Assembléia Geral. Continuando as discussões dos anos anteriores, nesse ano o nosso tema será **"O Mundo que queremos construir e a função das organizações políticas nessa construção"**. Não faremos uma grande pesquisa, como costumamos fazer, mas estamos enviando aos militantes um pequeno e simples questionário que deve ser respondido em grupo e devolvido o quanto antes ao nosso Secretariado. Ele serve como preparação para a Assembléia que está marcada para os dias 17 a 23 de outubro, no Seminário de Olinda/PE. Já devemos ir pensando nos delegados que participarão da Assembléia (ao menos 2 por diocese) e que elegerão a nova Equipe Central da A.C.R.

Notícias Breves

ANIVERSÁRIOS

Setembro: 22 — Raimundo Nonato — Areia/PB.

Outubro: 01 — Maximínio Pereira — Vitória/PE; 12 — Serafim Cardoso — Teófilo Otoni/MG; 18 — Justo Evangelista — Maranhão.

Novembro: 29 — Pe. José Tournier — Junqueiro/AL.

NASCIMENTO

— Nasceu no dia 10 de abril, em Pesqueira/PE, João Paulo filho de Fátima e Geraldo Farias.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL

— Será ordenado padre, no dia 15 de agosto, em Limoeiro, diocese de Nazaré da Mata/PE, o companheiro José Raimundo Barbosa de Araújo.

ENCONTROS PREVISTOS

— Encontro da Equipe Regional e Estadual da ACR Nordeste IV e do Maranhão, de 17 a 19 de

agosto em Bacabal/MA.

— Parada da Equipe Regional da ACR Nordeste II, de 23 a 25 de agosto, no Centro de Treinamento Paulo VI, em Guarabira/PB.

— Encontro da Cana em São Miguel dos Campos/AL, de 27 a 29 de agosto.

— Preparação da Assembléia Estadual da Paraíba no dia 22 de agosto, no Sítio Jatoá, em Solânea/PB.

— Assembléia Estadual da Paraíba de 10 a 13 de setembro, em Guarabira/PB.

— Encontro Regional da ACR Nordeste III, de 12 a 16 de setembro, em Alagoinhas/BA.

— III Encontro de Jovens do Meio Rural, da Diocese de Mossoró, nos dias 18 e 19 de setembro, em Mossoró/RN.

— Encontro de Jovens Rurais de Alagoinhas, nos dias 6 e 7 de novembro, em Alagoinhas/BA.

SINDICATO

— O Sindicato de Trabalhadores Rurais

de Itacuruba/PE está fazendo uma campanha para a construção de sua sede. Itacuruba é um município pequeno e muito dominado pelos proprietários, onde três famílias detêm em suas mãos todas as terras do município e da cidade. Ter a sede própria representa para o Sindicato maior liberdade de ação. Com muito custo se conseguiu o terreno e agora todas as comunidades estão fazendo uma campanha para conseguir dinheiro para a construção da casa. A mão-de-obra já está garantida através de mutirão.

Na última reunião do Sindicato sobre o assunto coube a equipe do Centro dos Trabalhadores escrever para pessoas amigas que possam colaborar com a campanha. Daí o motivo desta carta. Aguardamos a sua contribuição que pode ser feita através do Banco do Brasil, agência de Petrolândia/PE, no nome de Josefa Alves Lopes ou de Celso Pereira de Souza.

TRABALHADORES COMEMORAM VITÓRIA

Será comemorada, no próximo dia 15 de agosto, a conquista da nova terra, a Fazenda Canafístula, pelos trabalhadores rurais atingidos pela barragem de Itaparica. São 29 famílias da comunidade de Riacho Salgado (Petrolândia/PE) já reassentadas em nova área.

Uma confraternização entre as pessoas que participaram desta luta pela terra para quem nela trabalha: **TERRA POR TERRA NA MARGEM DO LAGO.**

A programação se iniciará com uma celebração da santa missa, por Dom José Rodrigues, bispo de Juazeiro/BA, e os padres de Petrolândia e Delmiro Gouveia, às 10.00 horas da manhã, na Fazenda Canafístula.

Os trabalhadores rurais contam com a sua presença para comemorar mais este passo na luta das 120.000 pessoas atingidas pela construção da barragem.

ASSINE O GRITO NO NORDESTE PREÇO ANUAL:

Trabalhador Rural.....	Cr\$ 200,00
Outras Pessoas.....	Cr\$ 400,00
Um só número.....	Cr\$ 35,00
Sendo 10 ou mais (cada um).....	Cr\$ 30,00
ASSINATURA DE APOIO.....	Cr\$ 1.000,00

Pagamento através de Vale Postal ou Ordem de Pagamento bancária em nome da A.C.R.
Animação dos Cristãos no Meio Rural.

A IGREJA NA NICARÁGUA

— A Igreja Católica na Nicarágua sempre esteve muito ligada ao poder e aos interesses dos ricos, como na maioria dos países da nossa América Latina. Enquanto isto o povo tem sido muito religioso, vivendo a sua fé com bastante criatividade e devoção.

— Após o Concílio Vaticano II e as Conferências de Medellín e Puebla, os padres, as freiras, muitos leigos e alguns bispos mudam a sua visão do trabalho da Igreja e suas atuações na Pastoral. Assim vão se criando um número cada vez maior de comunidades de Cristãos, católicos e evangélicos, no campo e nas cidades. São os pregadores populares e outros agentes da pastoral, leigos, que são acompanhados por grupos de padres e freiras comprometidos com os pobres na sua luta por causa do evangelho.

— Na luta armada que se deu contra a tirania e a ditadura da família Somoza que já durava 45 anos, as autoridades da Igreja e as suas bases souberam, naquele momento, optar pelos pobres e todos se uniram na Frente Sandinista de Libertação Nacional. Muitos cristãos participaram da luta: homens, mulheres, jovens e até crianças.

— Os bispos em uma carta pastoral de junho de 1979 chegam a reconhecer ao Povo Cristão o direito de participar com os outros cidadãos da luta armada revolucionária. Esta luta armada contra a ditadura de Somoza foi vitoriosa em julho de 1979. Em novembro deste mesmo ano os bispos escrevem uma carta pastoral muito importante. Nela eles reconhecem um motivo e um sentido cristão na



luta de libertação do povo, e pedem para que os cristãos colaborem ativamente no trabalho de reconstrução nacional e na criação da Nova Nicarágua. Pondo em prática assim, a opção pela defesa dos pobres no caminho da Revolução Nicaraguense.

RUMOS A TOMAR

— Porém, logo a reconstrução do país segue caminhos que não foram os sonhados pelos ricos na Nicarágua que apoiaram a Revolução. Porque enquanto os ricos queriam o fim de Somoza e de sua ditadura somente, ou seja uma democracia e algumas reformas sociais apenas, o povo que assume o poder com a Frente Sandinista vai organizando pouco a pouco uma reforma profunda na estrutura social. Passa o povo assim a comandar o processo e incorporar no governo que se torna o governo da maioria.

— Os ricos não aceitam isso e rompem com o governo. Passam a fazer oposição ao governo através de jornais, e

de contatos pessoais numerosos passam a tentar convencer os bispos que o País está se tomando “Comunista”, e que Sandinista quer dizer comunista. Infelizmente os ricos conseguem fazer com que a maioria dos bispos que são 6 ou 7 no país, passem a desconfiar dos rumos da revolução.

Pouco a pouco vai se criando uma tensão dentro dos cristãos. De um lado estão os bispos, padres e leigos da classe média e alta, que cada dia fazem mais força contra as transformações profundas que a caminhada do governo Revolucionário está fazendo. Do outro lado está a Igreja popular, as comunidades de base, os grupos de evangelização de adultos e jovens do meio popular, a Pastoral Operária e Rural, comunidades evangélicas e padres e freiras comprometidos com estes grupos e as tarefas do governo. Dos bispos apenas um, de uma diocese do Norte continua dando apoio à construção do novo país.

— A confusão aumentou quando os bispos em uma carta pastoral de 1 de junho de 1981, exigem a renúncia dos sacerdotes que ocupam cargos no Governo. As reações a esta atitude dos bispos não demoram. No próprio mês de junho os padres que ocupavam cargos de Ministro, um grupo de teólogos, pastores, padres e freiras e leigos que trabalham na Nicarágua, os participantes do encontro de comunidades de base do campo e da cidade, reunidos na capital do país, e um grupo de universitários cristão protestaram com firmeza contra a medida dos bispos. Foram enviadas cartas para o Vaticano, e os bispos deixam os pastores continuarem no governo só que sem poderem trabalhar diretamente na Pastoral.

— A caminhada destes cristãos, católicos e evangélicos, que concordam com o processo de reconstrução de seu país continua em meio aos sofrimentos agora aumentados com as inundações de junho passado. As inundações causaram enormes prejuízos econômicos e de vidas humanas. Além de tudo ainda há a ameaça constante, armada, dos ex-guardas de Somoza e outros contrários a Revolução Sandinista, que invadem freqüentemente o território Nicaraguense, vindo de países vizinhos.

Estas horas de luta e de dor são enfrentadas num clima de muita esperança e mesmo de otimismo pela vontade de construção de uma nova Nicarágua, onde reine para sempre justiça e onde os povos tenham vez e voz.

CONDENADOS NO ARAGUAIA

O assistente da A.C.R., Pe. José Servat, delegado dos padres franceses no Brasil, esteve presente em Belém/PA, nos dias 21 e 22 de junho, no longo julgamento que condenou os padres e posseiros da região do Araguaia, diocese de Conceição do Araguaia.

Apesar da falta de provas nas acusações, um posseiro foi condenado a 9 anos de cadeia e os outros a 8 anos. Aos padres foi aplicada injustamente uma pena de 15 anos para Aristides e de 10 anos de prisão para Francisco.

Nós, trabalhadores rurais, assistentes e amigos da A.C.R. e da Pastoral Rural, protestamos contra essa sentença indigna de justiça e manifestamos nossa solidariedade com os companheiros condenados.

ADVOGADO MORTO

Protestamos também, com toda nossa energia, contra o assassinato injusto e bárbaro de Gabriel Pimenta, advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá/PA.

Mais uma vez, reafirmamos nossa simpatia aos amigos do Araguaia, ao bispo e agentes de pastoral, aos membros e a todos os animadores de comunidades rurais e dos sindicatos.